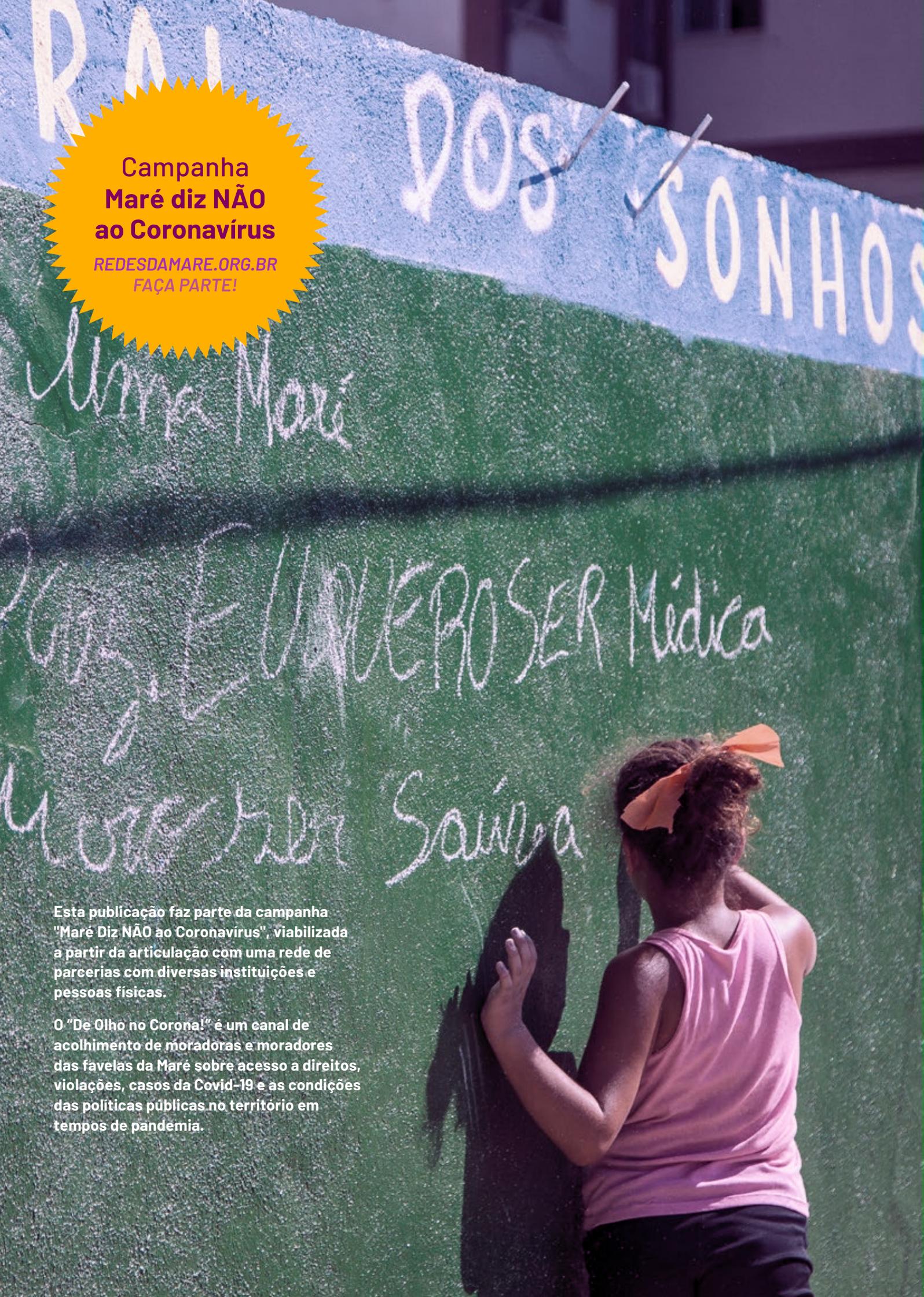


BOLETIM 

DE OLHO

NO CORONA!



**Campanha
Maré diz NÃO
ao Coronavírus**

**REESDAMARE.ORG.BR
FAÇA PARTE!**

Esta publicação faz parte da campanha "Maré Diz NÃO ao Coronavírus", viabilizada a partir da articulação com uma rede de parcerias com diversas instituições e pessoas físicas.

O "De Olho no Corona!" é um canal de acolhimento de moradoras e moradores das favelas da Maré sobre acesso a direitos, violações, casos da Covid-19 e as condições das políticas públicas no território em tempos de pandemia.

A PANDEMIA E SEUS EFEITOS NA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

A 12ª edição do Boletim "De Olho no Corona!" aborda alguns impactos da pandemia para a educação, sobretudo para a população da Maré. Desde a suspensão das aulas presenciais, professores, alunos e familiares tentam se adaptar às novas tecnologias para o ensino remoto. Ao longo do boletim traremos relatos de professores e alunos das escolas da Maré sobre as atividades pedagógicas em meio à pandemia do novo coronavírus. Dois diretores da Redes da Maré também contribuíram com análises sobre os desafios do acesso à educação nesse período e as expectativas para o retorno das aulas presenciais.

MORADORES COM SUSPEITA OU CONFIRMAÇÃO DE COVID-19 NA MARÉ ATÉ 20/07

1.397

PESSOAS COM SUSPEITA OU CONFIRMAÇÃO DE COVID-19 NA MARÉ



406

CASOS CONFIRMADOS
Painel Rio COVID-19

991

CASOS SUSPEITOS, SEM CONFIRMAÇÃO
"De Olho no Corona!"

ÓBITOS POR COVID-19 NA MARÉ ATÉ 20/07

114

ÓBITOS COM SUSPEITA OU CONFIRMAÇÃO DE COVID-19 NA MARÉ



82

ÓBITOS COM CONFIRMAÇÃO DA DOENÇA
Painel Rio COVID-19

32

ÓBITOS COM SUSPEITA DE COVID-19, SEM CONFIRMAÇÃO
"De Olho no Corona!"

DADOS DE COVID-19 NA MARÉ

O Brasil totaliza 2.118.646 casos notificados de Covid-19, com a confirmação de 80.120 óbitos. Segundo os dados divulgados pelo Universidade Johns Hopkins¹, o país se mantém como o segundo em número de casos, atrás apenas dos Estados Unidos. Na cidade do Rio de Janeiro e na Maré, desde o pico de contaminação que ocorreu no final de maio, os números sugerem um achatamento da curva, pois os novos casos vêm diminuindo a cada semana. No entanto, a falta de um diagnóstico preciso se manifesta desde o início da pandemia em todo o país, tanto pela ausência de uma ampla política de testagem, como pelo atraso na obtenção dos resultados, o que dificulta a mensuração do total de casos e óbitos.

Segundo o Painel Rio COVID-19, até o dia 20/07, a cidade soma 67.036 casos confirmados e 7.733 óbitos, aumentando, respectivamente, 3,7% e 5,1% desde o dia 13/07. Dos números oficiais, 406 casos e 82 óbitos são de moradores da Maré. Além desses, o “De Olho no Corona!” identificou 991 casos suspeitos e 32 óbitos de pessoas sem acesso à testagem ou diagnóstico. Somando aos dados divulgados no Painel Rio COVID-19, a Maré totaliza 1.397 pessoas sintomáticas e 114 óbitos. Esses números representam um aumento de 3,2% no total de pessoas sintomáticas e de 1,7% no total de óbitos desde o dia 13/07.

**SOMANDO AOS DADOS
DIVULGADOS NO PAINEL
RIO COVID-19, A MARÉ
TOTALIZA 1.397 PESSOAS
SINTOMÁTICAS E 114 ÓBITOS**

Observa-se, assim, que a parcela de pessoas que não tiveram acesso à testagem ou diagnóstico para confirmar ou descartar a contaminação aumentou e é agora de 70,9%.



DESIGUALDADE SOCIAL E ACESSO À EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Segundo o Banco Mundial, cerca de 1.4 bilhão de estudantes ficaram fora da escola em mais de 156 países desde o aparecimento do novo coronavírus². Alguns desses países adotaram o fechamento total de escolas, outros apenas em zonas consideradas de risco ou mantiveram abertas as creches, levando em conta que os pais trabalham em setores essenciais para a sociedade. No Brasil, por enquanto, a maior parte dos governos estaduais e municipais tem optado pela suspensão total das aulas presenciais.

O Boletim UNICEF Educação³ aponta que 1,7 milhão de crianças e adolescentes entre 4 e 17 anos já estavam fora da escola no Brasil antes da pandemia e, nesse período, a desigualdade no acesso à educação vem se agravando. A suspensão das aulas presenciais é uma medida importante para proteger a saúde dos estudantes e reduzir as chances de que se tornem vetores de contaminação para as famílias e comunidade. No entanto, compromete diretamente o processo de aprendizagem, já que muitas crianças e adolescentes, com acesso precário à internet, não puderam continuar acompanhando as atividades escolares.

O fechamento das escolas e a imprevisibilidade do retorno às aulas presenciais trazem também um risco de aumento do abandono escolar, principalmente de crianças em situação de maior vulnerabilidade social. Além disso, muitas crianças e adolescentes têm na merenda escolar a única refeição regular e balanceada do dia. Apesar da distribuição de cestas básicas nas unidades escolares, a suspensão da frequência diária à escola vem impactando diretamente na segurança alimentar das famílias mais pobres.

Entre os dias 18 e 29 de maio, o Datafolha realizou uma pesquisa⁴ por telefone com 1.028 pais ou responsáveis de 1.518 crianças e jovens matriculados nos ensinos fundamental e médio em todo o Brasil. Segundo a pesquisa, 74% dos estudantes da rede pública estão recebendo atividades pedagógicas não presenciais; 84% dos alunos da rede pública se dedicam por mais

de uma hora por dia aos estudos em casa; 82% das crianças e adolescentes estão realizando a maioria das atividades propostas e 54% dos pais ou responsáveis veem motivação nas crianças e jovens. A pesquisa mostra que entre as principais dificuldades das atividades não presenciais estão: acesso à internet (23%), dificuldade com conteúdo (20%), falta de equipamentos (15%) e falta de interesse no conteúdo (15%).

A pesquisa também mostra a preocupação de 31% dos entrevistados com a evasão escolar. E o receio da criança ou adolescente desistir de frequentar a escola quando voltarem as aulas presenciais é proporcionalmente maior entre os responsáveis que têm apenas o ensino fundamental (40%) ou renda mensal de até dois salários mínimos (36%).

É importante destacar que, de acordo com o artigo 205 da Constituição Federal, a educação é um direito de todos e dever, não só da família, mas do Estado e deve ser promovida e incentivada com a colaboração da sociedade. Portanto, apesar da pandemia, o processo de aprendizagem e as obrigações do sistema escolar precisam ser garantidos independentemente da conjuntura.

O FECHAMENTO DAS ESCOLAS E A IMPREVISIBILIDADE DO RETORNO ÀS AULAS PRESENCIAIS TRAZEM TAMBÉM UM RISCO DE AUMENTO DO ABANDONO ESCOLAR

ENTRE OS DIAS 18 E 29 DE MAIO, O DATAFOLHA REALIZOU UMA PESQUISA POR TELEFONE COM **1.028 PAIS OU RESPONSÁVEIS** DE 1.518 CRIANÇAS E JOVENS MATRICULADOS NOS ENSINOS FUNDAMENTAL E MÉDIO EM TODO O BRASIL:



74%

DOS ESTUDANTES DA REDE PÚBLICA ESTÃO RECEBENDO ATIVIDADES PEDAGÓGICAS NÃO PRESENCIAIS



84%

DOS ALUNOS DA REDE PÚBLICA SE DEDICAM POR MAIS DE UMA HORA POR DIA AOS ESTUDOS EM CASA



82%

DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES ESTÃO REALIZANDO A MAIORIA DAS ATIVIDADES PROPOSTAS



54%

DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS VEEM MOTIVAÇÃO NAS CRIANÇAS E JOVENS

DE ACORDO COM O ARTIGO 205 DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL, **A EDUCAÇÃO É UM DIREITO DE TODOS** E DEVER, NÃO SÓ DA FAMÍLIA, MAS DO ESTADO E DEVE SER PROMOVIDA E INCENTIVADA COM A COLABORAÇÃO DA SOCIEDADE.



23%

TÊM DIFICULDADES DE ACESSO À INTERNET



20%

TÊM DIFICULDADE COM CONTEÚDO



15%

SOFREM COM FALTA DE EQUIPAMENTOS



15%

DEMONSTRAM FALTA DE INTERESSE NO CONTEÚDO

ALTERNATIVAS E LIMITES DO ACESSO À EDUCAÇÃO NA MARÉ NO PERÍODO DA PANDEMIA

O Censo Maré (2013) contou 33.407 crianças e adolescentes entre 04 e 17 anos, isto é, em idade escolar obrigatória, nas 16 favelas que compõem a Maré. O levantamento mostra ainda que, por ter uma população jovem, 27,9% dos moradores frequentam a escola, com destaque para a coorte etária de 6 a 14 anos, em que apenas 2,1% das crianças estavam fora da escola em 2013, percentual inferior aos 3,1% observados na cidade em 2010 pelo Censo Demográfico realizado pelo IBGE. Por outro lado, o Censo Maré revelou um quadro crítico da evasão escolar na adolescência: 19,6% dos moradores da Maré entre 15 e 17 anos de idade estavam fora da escola em 2013, enquanto na cidade eram, segundo o IBGE, 13,4% em 2010.

A Maré possui 50 unidades escolares públicas em funcionamento, sendo 46 da rede municipal e quatro da rede estadual. A primeira foi a Escola Bahia, fundada em 1936, mas a metade delas só foi criada a partir de 2011. A última unidade inaugurada foi a E.M. Vereadora Marielle Franco, em 2018. Atualmente, da rede municipal, há sete creches, 13 Espaços de Desenvolvimento Infantil (EDIs), 25 escolas municipais (que se dividem no atendimento à pré-escola e às duas etapas do ensino fundamental) e um Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA). As quatro unidades

estaduais oferecem o ensino médio, porém, duas, apenas à noite.

Somente nas unidades de rede municipal há quase 17 mil alunos e mais de mil professores tendo que se adequar às condições de ensino impostas pela pandemia do novo coronavírus. Alguns professores e diretores de escolas da Maré contaram à Redes da Maré como está sendo esse desafio. Uma professora que leciona há 18 anos no CIEP Ministro Gustavo Capanema, localizado na Vila dos Pinheiros, concedeu o seguinte relato:



“Com essa história de pandemia todo mundo teve que se reinventar, as crianças, a direção, a equipe docente. Eu estou reaprendendo muitas coisas e aprendendo outras. Estou tendo que lidar com as minhas dificuldades e tentar superá-las, principalmente nessa questão da tecnologia que pra mim é muito complicado, mas a gente não desanima. Eu tenho procurado atender o mais próximo possível os responsáveis, através da página da escola ou via redes sociais, mas é muito complicado, é muito difícil”.

ESCOLAS PÚBLICAS NA MARÉ

REDE MUNICIPAL



07
CRECHES



13
ESPAÇOS DE
DESENVOLVIMENTO
INFANTIL (EDIs)



25
UNIDADES DE PRÉ-ESCOLA
OU ENSINO FUNDAMENTAL



01
CENTRO DE EDUCAÇÃO DE
JOVENS E ADULTOS (CEJA)

REDE ESTADUAL



04
ESCOLAS DE
ENSINO MÉDIO

**AS FAMÍLIAS QUE NÃO
TÊM ACESSO À INTERNET
OU EQUIPAMENTOS
ADEQUADOS ESTÃO À
MARGEM DO ATENDIMENTO
ESCOLAR NESSE PERÍODO**



As atividades pedagógicas remotas aparecem como uma das únicas alternativas para dar continuidade ao processo de aprendizagem das crianças e jovens, no entanto, esbarram em uma série de limites tanto para os alunos e responsáveis como para os professores. Muitos professores tiveram que aprender a usar recursos tecnológicos e desafiar a criatividade para manter o interesse dos alunos, resultando em uma rotina de trabalho extremamente desgastante. Por outro lado, as crianças e seus responsáveis tiveram que adaptar suas rotinas e o ambiente doméstico para absorver os conteúdos propostos mediante as ferramentas digitais. Nesse contexto, as famílias que não têm acesso à internet ou equipamentos adequados estão à margem do atendimento escolar nesse período. “As famílias mais pobres não podem acompanhar formas alternativas de manter as aulas como, por exemplo, as aulas remotas. Também não há um lugar separado em casa para os estudos – já que as casas, em sua maioria, são pequenas – ou não há um adulto que possa ajudar as crianças com as lições passadas pelas escolas nesse período. Por isso, a parada forçada pela pandemia tende a agravar a já enorme desigualdade existente entre crianças que moram nas favelas e as que são de bairros e escolas de classe média”, afirma Edson Diniz, diretor da Redes da Maré.

A Redes da Maré recebeu também muitos relatos de alunos das escolas da Maré elogiando o trabalho dos professores como, por exemplo, o relato de uma aluna do 5º ano do ensino fundamental da Escola Municipal IV Centenário.

QUESTÕES COMO DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO À INTERNET DEVEM SER CONSIDERADAS E DISCUTIDAS NESSE CENÁRIO DE ATIVIDADE PEDAGÓGICA REMOTA, POIS OS IMPACTOS DA PANDEMIA PARA AS POPULAÇÕES MAIS POBRES SÃO INFINITAMENTE MAIORES DO QUE PARA AS MAIS FAVORECIDAS ECONOMICAMENTE



“As minhas aulas online estão sendo ótimas! Meus professores estão sempre me apoiando e me ajudando com algumas explicações. Eu venho agradecer ao IV Centenário e dizer que estão fazendo um ótimo trabalho porque muitas escolas não estão podendo dar aula online porque muitas crianças não têm internet em casa. Eu também venho agradecer porque os professores estão sempre apoiando a gente, estão sempre tirando dúvidas e dizer que vocês estão fazendo um ótimo trabalho! Muito obrigada a todos vocês professores, diretores, parabéns pelo trabalho. Os deveres estão impecáveis, inspiradores e legais”.

A diretora responsável pelo eixo de Educação da Redes da Maré, Andréia Martins, relata que a luta pela educação na Maré é histórica, por isso a escola se tornou a instituição que representa o poder público de forma mais significativa no território e isso se expressa na sociabilidade entre as escolas e a comunidade. Nesse período de pandemia, Andréia afirma que as iniciativas dos professores devem ser valorizadas, no entanto, o ensino remoto pode trazer consequências determinantes no processo de escolarização, sobretudo, quando consideradas as questões socioeconômicas das crianças e adolescentes: “segundo dados do Censo Maré 2013, apenas 36,7% dos domicílios da Maré possuem acesso à internet, ou seja, questões como democratização do acesso à internet devem ser consideradas e discutidas nesse cenário de atividade pedagógica remota, pois os impactos da pandemia para as populações mais pobres são infinitamente maiores do que para as mais favorecidas economicamente”.

COMO SE PREPARAR PARA O “NOVO NORMAL”?

A educação é uma área essencial para o desenvolvimento da sociedade, por isso, repensar o seu futuro terá especial necessidade após esse período de pandemia, que evidenciou ainda mais as desigualdades no acesso a direitos, incluindo o da escolarização. A organização “Todos pela Educação” publicou uma nota técnica⁵ que nos ajuda a refletir sobre os desafios para a volta às aulas presenciais, quando for o momento. A nota destaca, a princípio, o impacto emocional nos alunos e profissionais da educação e a evasão escolar como principais problemas a serem enfrentados. Segundo o texto, mesmo com as diversas estratégias utilizadas no período de isolamento social, os países que já experimentaram o retorno às aulas observaram impactos emocionais, físicos e cognitivos nos estudantes. Diante disso, faz-se necessário que o poder público tenha uma ação intersetorial envolvendo, principalmente, o apoio de profissionais da saúde e da assistência social.

Ainda segundo a nota, o retorno exigirá um plano de ações em diversas frentes e demandará intensa articulação e contextualização local, já que a retomada das atividades não poderá ser de onde parou. Nesse sentido, será necessário um plano gradativo, com a reorganização do calendário escolar e uma avaliação diagnóstica inicial seguida de programas de recuperação da aprendizagem, além de uma comunicação frequente com as famílias dos estudantes. Deste modo, são apresentados quatro possíveis legados para a retomada com um sistema melhor e mais forte, a saber: [I] articulação intersetorial; [II] institucionalização de políticas de recuperação da aprendizagem; [III] fortalecimento da relação família-escola e [IV] introdução da tecnologia como aliada contínua.

Edson Diniz acredita que o retorno ao “novo normal” dependerá de como a sociedade reagirá e o que será prioridade na reconstrução da vida. Nesse sentido, aponta um horizonte: “algumas questões se colocaram claramente: a primeira é que o Estado, ao contrário do que diziam muitos economistas, ainda é fundamental para socorrer e proteger a população e, ao mesmo tempo, estimular a economia. A segunda questão é que a saúde é um bem inegociável e não pode ficar nas mãos dos

grupos privados – se não fosse a atuação do SUS as coisas seriam muito piores. A terceira é que o Brasil ainda é um país muito desigual e isso precisa mudar, para o bem de todos. Há ainda a importância da solidariedade e a força das instituições e pessoas nas favelas – foram elas que socorreram aqueles que mais precisavam de apoio, seja por questões de saúde ou econômicas. A própria campanha “Maré Diz NÃO ao Coronavírus”, da Redes da Maré, é um bom exemplo dessas ações. Por fim, se pudéssemos fazer uma aposta, seria a de que precisamos repensar e agir em prol de uma sociedade menos desigual. É claro que já sabemos disso antes da pandemia, mas agora o que muda é que passamos da utopia para uma certeza: ou o Brasil se torna mais igual – isso inclui a luta contra o racismo, contra a homofobia e contra a violência e discriminação das mulheres – ou nosso futuro como nação estará comprometido”.

Para Andréia Martins, um importante legado que a pandemia pode trazer “é a ampliação de um olhar para violações de outros direitos, tais como segurança alimentar, saneamento básico, trabalho, moradia e atendimento de saúde – áreas e direitos que estão na agenda de luta dos moradores da Maré, historicamente, para além da segurança pública”.

A diretora da Redes de Maré também enfatiza outra preocupação com o retorno precoce das aulas presenciais: “sabemos que esse retorno poderá aumentar as possibilidades de disseminação do coronavírus na Maré”. Alguns países que já retomaram as aulas vêm compartilhando suas experiências e desafios das novas dinâmicas de sociabilidade. Segundo matéria da BBC⁶, a volta às aulas na Dinamarca, ocorrida em abril, impôs a divisão da turma em grupos menores, o distanciamento entre as crianças e a higiene das mãos de cinco a seis vezes por dia. Em Cingapura, uma das estratégias para que as crianças permaneçam de máscara é que elas próprias as decore para virar um acessório personalizado; além disso, medem a temperatura dos alunos diariamente e cada criança traz sua refeição de casa. Outras experiências pelo mundo colocam em dúvida o momento para o retorno às aulas, já que na França e na Coreia do Sul as escolas reabertas tiveram que fechar novamente por conta do ressurgimento de casos de Covid-19. Cabe ressaltar, também, a experi-

O ESTADO, AO CONTRÁRIO DO QUE DIZIAM MUITOS ECONOMISTAS, AINDA É FUNDAMENTAL PARA SOCORRER E PROTEGER A POPULAÇÃO E, AO MESMO TEMPO, ESTIMULAR A ECONOMIA

ência do Reino Unido que, mesmo reabrindo as escolas, menos da metade dos alunos voltaram a frequentar as aulas.

A Redes da Maré avalia que não há como saber o que será esse "novo normal", mas o que já sabemos é que a política de educação que tínhamos, antes da pandemia, não era satisfatória. Portanto, é possível aproveitar esse momento para realizar as mudanças necessárias no campo educacional, bem como em outros, para a construção de uma realidade menos desigual e com mais justiça social.

1 <https://coronavirus.jhu.edu/map.html>

2 <http://pubdocs.worldbank.org/en/413781585870205922/pdf/POLITICAS-EDUCACIONAIS-NA-PANDEMIA-DA-COVID-19-O-QUE-O-BRASIL-PODE-APRENDER-COM-O-RESTO-DO-MUNDO.pdf>

3 <https://www.unicef.org/brazil/sites/unicef.org.brazil/files/2020-06/boletim-unicef-educacao-01.mp3>

4 <https://www.itausocial.org.br/noticias/74-dos-alunos-das-redes-publicas-recebem-algum-tipo-de-atividade-nao-presencial-durante-a-pandemia/>

5 https://institutoayrtonsenna.org.br/content/dam/institutoayrtonsenna/hub-socioemocional/todos-pela-educacao-o-retorno-as-aulas-presenciais-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19-nota-tecnica.pdf?utm_source=site&utm_medium=estudos-corona-1205

6 <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52944468>

Esta edição do Boletim faz parte do projeto “**CRIAndo Rede: proteção à vida de crianças e adolescentes na Maré**”, uma parceria entre Redes da Maré, Luta pela Paz, Observatório de Favelas e Unicef. O projeto busca atuar na ampliação do acesso a direitos de crianças e adolescentes no conjunto de favelas da Maré, sobretudo no período da pandemia.

REALIZAÇÃO:



PARCEIROS:





**Campanha
Maré diz NÃO
ao Coronavírus**

**REDESDAMARE.ORG.BR
FAÇA PARTE!**



E7-12-20

